

Filha, mãe, avó e puta: Gabriela Leite, uma mulher de família(s)¹

Débora Antonieta Silva Barcellos Teodoro – UnB/DF

Palavras chave: Parentesco; Gabriela Leite; Prostituição.

A partir do livro de Gabriela Leite, intitulado “Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta”, proponho uma análise reflexiva sobre o parentesco, somada a uma perspectiva da antropologia das emoções. Gabriela faleceu em 2013, acometida por um câncer de pulmão. Sua história é marcada pela militância, autonomia e cotidiano de uma mulher comum que, apesar de autodeclarada puta, permitiu que sua vida íntima se tornasse pública.

Meu interesse é refletir a respeito de relações de parentesco em um contexto de marginalidade. Para isso, meu olhar se volta às relações consanguíneas e de afinidade da autora, intrinsecamente permeadas pelas emoções que deram sentido à sua experiência particular, bem como de sua família.

Para além do conteúdo do livro, curiosa sobre os destinos das pessoas, cheguei ao nome de Tatiany Leite, neta de Gabriela, em pesquisas na internet. Decidi procurá-la em redes sociais e arriscar um contato. Tatiany respondeu prontamente às minhas perguntas e suas informações, além de preencherem as lacunas que ficaram na minha interpretação das relações de Gabriela, atualizaram como está a família hoje.

Numa trajetória em que se entrecruzam liberdade, renúncias, militância, amores e dores, os processos de distanciamentos, aproximações, rupturas e alianças colaboram para se pensar em sentidos de fazer família (LOBO, 2020). Não obstante, inspirada em Lila Abu-Lughod (2018, 2020), é possível pensar no livro de Gabriela como uma narrativa do cotidiano, que conta uma história particular, que possibilita perceber “o outro” (Gabriela) como “menos outro”. É importante informar que este trabalho é um exercício reflexivo que inspira o futuro desenvolvimento da minha tese de doutorado, na qual me dedicarei ao estudo de relações de parentesco entre trabalhadoras sexuais, com especial foco nas maternidades.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Notas introdutórias

E como todos nós sabemos, o amor não traz só felicidade. Ele gera muita dor também, em nós mesmos e em quem está perto. Sei que, por causa dessa minha obsessão por romper amarras (sejam elas políticas, culturais, morais ou psicológicas), feri algumas pessoas queridas. Mas acredito que também ajudei um sem-número de prostitutas a ter uma vida mais digna. Fui, sou e vou continuar sendo responsável pelos meus atos. O que pensar sobre eles é resultado do conceito de vida de cada um. Enquanto eu puder continuar exercendo minha liberdade, não tenho com o que me preocupar. É a maior lição que aprendi. Eu: filha, mãe, avó e puta. (LEITE, 2009, p. 5)

Neste ensaio analiso o livro biográfico de Gabriela Leite, intitulado “Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta”. Gabriela nasceu em 22 de abril de 1951 e faleceu em 10 de outubro de 2013, acometida por um câncer de pulmão. Sua história, marcada pela militância e autonomia, inspirou o ex-deputado federal Jean Wyllys a propor o Projeto de Lei n. 4.211/12, intitulado “Lei Gabriela Leite”, que versa sobre um determinado modelo de regulamentação da atividade dos profissionais do sexo² (BRASIL, 2012).

Minha escolha se funda no interesse pela temática da prostituição, na admiração pela trajetória e pelo legado de Gabriela Leite. Quando li esse livro pela primeira vez, meu interesse estava direcionado ao que a autora tinha a dizer sobre a prostituição e sobre sua militância política, num sentido amplo. Desta vez, pela possibilidade de refletir a respeito de relações de parentesco em um contexto de marginalidade – no que tange às concepções hegemônicas de família na perspectiva brasileira, do passado (ENGEL, 2004; RAGO, 2014, TEODORO, 2017) e do presente (LOBO; CARDOSO, 2021), – meu olhar se volta às relações familiares e de afinidade da autora, bem como às emoções que permeavam e ainda permeiam as vidas das pessoas conectadas a Gabriela.

A começar pelo título, a autora se apresenta sob três posições nas relações de parentesco – filha, mãe e avó –, sendo as três atravessadas pelo trabalho que ela escolheu exercer: o de puta. Quando se atribui, a qualquer mulher que seja, qualificadores como prostituta, puta, meretriz, trabalhadora sexual etc., pode-se dizer que, via de regra, há uma sobreposição ao sujeito mulher. O estigma quanto ao meretrício, introjetado historicamente em muitas sociedades, reduz a mulher ao ofício que exerce, sob um sem fim de preconceitos que pairam no imaginário coletivo a respeito do assunto. O que Gabriela faz ao longo de sua narrativa é compartilhar com o

² Não há consenso entre as trabalhadoras sexuais acerca da pertinência do PL Gabriela Leite. Mas elas não negam a importância da dimensão política de sua existência.

público sua multiplicidade de papéis enquanto mulher, inclusive, o de prostituta – que é o que mais se destaca, mas de uma perspectiva construída para se opor ao estigma. Quanto a seus papéis nas relações de parentesco, fala abertamente sobre as próprias contradições, angústias, dilemas, tensões, êxitos, afetos, lacunas etc. Numa trajetória em que se entrecruzam liberdade, renúncias, militância, amores e dores, os processos de distanciamentos, aproximações, rupturas e alianças colaboram para se pensar em sentidos de fazer família (LOBO, 2020) e em como a complexidade das emoções também produzem o cotidiano.

Uma síntese da autobiografia de Gabriela pela via do parentesco

Gabriela Leite nasceu em uma família considerada tradicional. O pai, Oswaldo, era herdeiro de uma família aristocrata de produtores de café (Juquita e Olívia) e a mãe, Mathilde, era filha de um casal (Benedita e Chico) que trabalhava para os patrões, pais de Oswaldo. A infância relatada remete a uma criação rígida, nos moldes de uma família nuclear de classe média. Até os 12 anos de idade Gabriela, os pais e as irmãs Gina e Thais moraram num casarão, na Vila Mariana em São Paulo, junto da avó paterna, um irmão do pai e sua esposa Olinda. Ela ressalta o preconceito da sua avó para com as noras – Mathilde, de ascendência indígena, classificada como cabocla caipira; e Olinda, tratada como uma portuguesa ignorante. Segundo Gabriela, a vida no casarão se definia por “pessoas escondidas dentro de seus silêncios, os diálogos monossilábicos, o sentimento aristocrático envolto em preconceitos de classe social” (LEITE, 2009, p. 19). Este modelo de coabitação familiar se encerrou quando Mathilde convenceu Oswaldo a adaptar uma grande garagem do casarão como nova moradia. Entre idas e vindas de uma relação tensa com a esposa, o pai, que era crupiê em cassinos clandestinos e um apaixonado pela boemia, um dia foi embora para nunca mais voltar. Com isso, a mãe se tornou a única responsável pelas três filhas e passou a sustenta-las trabalhando como costureira. Posteriormente, se mudou com as meninas para um lugar distante da casa da sogra.

Um tempo após a partida do pai e a mudança, Gabriela decidiu trabalhar. Além de entender que era hora de ajudar a mãe com as contas do lar, queria um pouco de liberdade. A relativa independência possibilitada pelo trabalho e a paixão pelos livros mobilizaram Gabriela a fazer vestibular para Filosofia na USP. Exitosa, foi aprovada³

³ Posteriormente, Gabriela trocou o curso de Filosofia pelo de Sociologia.

em segundo lugar. A mãe não recebeu bem a notícia, pois achava que mulher não precisava estudar tanto e desejava que as filhas se casassem, fossem boas esposas e boas mães. Já o pai ficou orgulhoso da filha e feliz com a conquista.

Gabriela passou a circular em espaços frequentados pela boemia intelectualizada de São Paulo, conciliando noitadas, trabalho e estudo. Se aventurou, também, pelos redutos do samba. Nesse ambiente Gabriela conheceu João que, segundo ela, foi o primeiro homem a tratá-la como mulher e a desafiar seus preconceitos, inclusive, raciais.

Apesar das prerrogativas de mulher moderna que atribuía a si mesma, em plena época da revolução da pílula anticoncepcional (1970), Gabriela engravidou. Escondeu o fato de João, da mãe e de todos mais. Largou a faculdade, mas continuou a trabalhar, usando uma cinta para disfarçar a barriga:

Nove meses de solidão total, e, quanto mais o tempo passava, mais ficava penoso carregar o peso da angústia e do bebê. [...] Não preparei nada para o parto nem para o nascimento. Não comprei sequer uma fralda, com medo de minha mãe ver e descobrir. É impressionante a solidão que pode existir entre pessoas que vivem sob o mesmo teto (*Idem*, p. 41).

Novamente, Gabriela aciona a solidão e a distância de pessoas que habitam uma mesma casa. Entretanto, dessa vez, o silêncio tomou um sentido diferente de quando ela morava na casa da avó, posto que ele compôs a existência de uma importante cumplicidade velada, como será elucidado a seguir.

Gabriela sentiu as primeiras dores do parto no escritório em que trabalhava. Como ninguém sabia que ela estava grávida, o patrão pediu que um carro da empresa a levasse para casa. Quando chegaram em frente ao portão, Mathilde apareceu na janela e gritou “leve minha filha imediatamente para a maternidade” (*Idem*, *ibidem*). Tudo ocorreu muito rápido e Gabriela narra sobre sua emoção ao ver uma criança saudável e que havia saído “ilesa de todas as inconseqüências de uma jovem imbecil” (*Idem*, p. 42). Nasceu Alessandra.

Gabriela e Mathilde precisaram se olhar de frente – “duas mulheres completamente perdidas em seus medos, vergonhas e preconceitos” (*Idem*, *ibidem*). Na maternidade, a avó se apaixonou imediatamente pela neta e chorou ao ver a filha recebendo soro na veia e sem poder amamentar, por conta de uma anemia. Mathilde trazia consigo roupinhas para a criança. Apesar dos silêncios e dos não-ditos, da solidão e da distância numa mesma casa, uma tessitura de afeto, ainda que complexa e ambígua, pode ser percebida, especialmente porque aquela nova vida foi recebida com alegria e

com expectativa. Mas nem tudo eram flores. O sonho de Mathilde era de um futuro diferente para a filha:

Por mais amor que tivesse por mim e pela primeira neta, dona Mathilde estava muito confusa e não sabia muito bem como lidar com toda a situação. Achou que eu precisava do apoio de um homem, e então chamou para conversar comigo e me aconselhar a pessoa menos indicada: um parente próximo. O sujeito era censor de cinema, portanto, policial federal. Era tido como o detentor de todas as virtudes da família e o único que tinha razão em todas as questões. (LEITE, 2009, p. 42-43)

O tal parente, porém, já havia bolinado Gabriela e Gina na infância. Com o quem tentava performar uma figura paterna, o sujeito exigia saber o nome do progenitor de Alessandra. Gabriela, firme, não contou e, ainda, disse ao homem tudo o que pensava a respeito dele. Segundo ela, foi a primeira vez que enfrentou o inimigo e, também, foi quando descobriu o quão maravilhoso era falar.

Além de não revelar quem era o pai de Alessandra, Gabriela também não havia contado a João que ele tinha uma filha, pois se envergonhava de comunicar sobre uma gravidez não combinada e não esperada. A menina foi registrada apenas com o nome da mãe e Gabriela passou a ser “mãe solteira”. Este qualificador se tornou o motivo de sua demissão, posto que, segundo seu patrão, mantê-la como funcionária poderia servir de mau exemplo para as moças de família que também trabalhavam na empresa.

Passados os primeiros meses pós-parto, Gabriela conseguiu um novo emprego. Mathilde se prontificou a cuidar de Alessandra durante o dia, mas exigiu que Gabriela se ausentasse de casa apenas para o trabalho e dedicasse o restante do tempo à filha. Mathilde ainda alimentava a esperança de que se Gabriela escolhesse o “caminho certo”, algum homem se compadeceria dela e até assumiria Alessandra. No dia a dia, entretanto, a maternidade precisava ficar sob sigilo, para que o emprego pudesse ser mantido. Gabriela se adaptou à rotina de casa-trabalho trabalho-casa por um tempo, mas numa ocasião não resistiu ao convite dos colegas para um *happy hour*, que adentrou a madrugada. Entre o temor do que a esperava em casa e a alegria de matar a saudade de uma noitada, Gabriela se deparou com suas malas feitas pela mãe. Mathilde não queria ter em casa uma filha mal falada e que desse mau exemplo para a própria filha. Hesitante, Gabriela pegou suas coisas e foi embora:

Minha filha já estava com quase um ano. Foi muito, muito difícil renunciar a ela. Mas naquela hora não encontrei outra saída. Eu estava vivendo uma situação falsa e não me considerava uma mulher sem futuro. Por que deveria renunciar à minha juventude e aos meus sonhos, que a essa altura eu nem sabia mais quais eram? Também achei que era melhor para Alessandra. (*Idem*, p. 47)

Frente ao dilema de dar prioridade a si mesma e diante das circunstâncias impostas pela mãe quanto a sair de casa, a escolha foi seguir adiante, sozinha. O que não significa, necessariamente, uma escolha fácil ou repleta de satisfação. Na nova rotina, para fugir do sofrimento, Gabriela se esforçava para não lembrar de sua casa e de sua filha. Sentia saudades de João, da faculdade, da boemia.

Quando conseguiu organizar a própria vida, retomou a graduação e voltou a frequentar os bares de antes. Passou a falar com alguns amigos abertamente sobre sua filha, sobre seus sonhos. Vivendo sozinha, a nova fase de liberdade e desprendimento, a experiência da maternidade e as primeiras experiências sexuais passaram a alimentar novos desejos em Gabriela:

Querida fazer sexo e exercer minha sexualidade sem culpa. Querida abraçar, beijar, conhecer melhor o corpo masculino, seus desejos, suas fantasias. Querida ser uma mulher desejável, usar calcinhas e sutiãs vermelhos, sentir os homens em meu corpo, transar muito e nunca me faltar. Não queria casar nem viver junto com ninguém. Somente ver e sentir muitos homens me desejando. Por que eu não poderia viver como eles, que sempre estavam com mulheres diferentes? Por que nós, mulheres, tínhamos que nos contentar em ter um único homem ao longo de toda vida? Eu queria ter a liberdade sexual deles e não sabia por onde começar (LEITE, 2009, p. 49).

Orientada por seus desejos sexuais e fugindo das expectativas e imperativos do ideal feminino e de maternidade, ela se iniciou na prostituição. Foi trabalhar num puteiro da Boca do Lixo⁴. Aprendeu alguns “ossos do ofício” sozinha, como o “fato” de que prostituta não beija cliente. Mas sua relação com esse início na prostituição era complexa:

Mas apesar de toda a disposição para trabalhar na prostituição, eu ainda enfrentava muitas contradições internas. Estava muito difícil encarar o significado da minha opção radical de vida. Ainda me sentia perdida, sem saber se continuava ou não. Me deparei com meus próprios preconceitos e estigmas. Apesar de estar ganhando dinheiro, me sentia suja e envergonhada pelo que estava fazendo (*Idem*, 2009, p. 55).

No desenrolar de seus dilemas, após um episódio em que levou um tapa do segurança da zona em que trabalhava, Gabriela entrou em contato com um agente de cafetinagem que a abordara, dizendo que era muito bonita para trabalhar na Boca do Lixo. Conheceu Cecília, sua segunda cafetina e suas condições laborais mudaram para melhor. Gabriela foi morar na zona e uma vez ou outra deixava de trabalhar para ir à

⁴ “A zona de prostituição em São Paulo era dividida em dois lugares. A boca do Luxo era o inverso da boca do Lixo. Enquanto a primeira dormia durante o dia e brilhava de noite, a segunda era do dia e à noite fechava as portas” (LEITE, 2009, p. 55)

casa de sua mãe, tentar ver Alessandra. Era sempre impedida e, com o tempo, desistiu de tentar se aproximar da filha.

Essa fase da vida se desenrolou em plena ditadura civil militar (1964-1985). A repressão policial operava intensa e violentamente nas zonas de prostituição em todo o Brasil (BRASIL, 2024a, 2014b). Gabriela relata um episódio em que duas prostitutas, uma delas grávida, foram levadas por um camburão e desapareceram. Ela se sentiu impelida a fazer alguma coisa, especialmente em função da associação equivocada da prostituta ao crime⁵. Associação naturalizada, inclusive, entre as próprias prostitutas. Junto a colegas de profissão e os mais diversos sujeitos do universo das zonas boêmias, Gabriela organizou uma manifestação na praça da Sé. Receberam cobertura jornalística e apoio de artistas. Foi o prenúncio de sua militância nos movimentos organizados de prostitutas.

Entre essas pequenas inserções no ativismo e o trabalho de cortesã, Gabriela, às vezes, se rendia a paixões. Apesar de ter tomado a decisão de não se casar e de não ter mais filhos, engravidou de um novo namorado, que ela apresenta no livro apenas como “ourives” (que era o ofício do homem). Pensou em abortar, mas desistiu. Ela não tinha preconceito em relação ao aborto, mas vivia sob alguma influência de sua educação católica. Já perita no assunto, escondeu a gravidez enquanto pode. Quando contou ao ourives, a reação foi direta: “Que filho meu o quê? Filho de puta não tem cara!” (LEITE, 2009, p. 80).

Nessa segunda gravidez, Gabriela pôde contar com a generosidade de Cecília, que passou a não cobrar as diárias. Ela também foi cuidada pelas meninas que trabalhavam na zona. O parto foi um acontecimento:

Naquela noite bebeu-se muito no bar da esquina em homenagem ao nascimento do meu bebê. Era um pouco filha da malandragem e das putas todas. Todo mundo tinha convivido e cuidado tanto daquela gravidez que ninguém passou ileso pelo grande momento. Se depender de alegria para minha filha ter sorte na vida, ela está feita (*Idem*, p. 81).

Porém, como um bebê não podia ficar na zona, a manicure das prostitutas – Ana Maria – entrou em cena. Ela e sua companheira, Terezinha, acolheram Gabriela e a filha em casa e, juntas, as três escolheram o nome da menina: Cristina. Apesar de se tratar de

⁵ “A prostituta não está enquadrada no Código Penal Brasileiro. No entanto, é uma das atividades que mais sofrem preconceito e repressão policial. O que é considerado criminoso no Brasil é o explorador sexual, ou seja, o cafetão, dito protetor, ou a cafetina, a dona da casa. Se um grupo de prostitutas formar uma cooperativa, automaticamente ele será enquadrado no Código Penal, e elas passam a ser consideradas fora-da-lei. Mas em tese, quando a prostituta exerce o seu trabalho, nada se pode fazer contra ela. Em tese. [...] A prostituta acabou no meio da marginalidade porque aqueles que a cercam são considerados criminosos e, de alguma forma, transferem essa condição a ela” (LEITE, 2009, p. 61).

uma época em que “filho de mãe solteira era palavrão” (*Idem*, p. 82), a criança havia nascido com a cara do pai. Em pouco tempo Gabriela voltou a trabalhar na zona. Cristina ficou morando com Ana Maria e Terezinha e foi cuidada por elas. O pai passou a visitar a menina e se rendeu à força inegável de se ver, fisionomicamente, na filha – a filha da puta era a cara do pai! O ourives passou, também, a ajudar financeiramente.

Após conhecer a menina, o ourives propôs quem vivessem juntos, mas Gabriela precisaria abandonar a vida na zona e se desvencilhar do passado. Ela vislumbrou a possibilidade de ter uma família feliz, o perdão da mãe e a primeira filha de volta. Chegou a frequentar a casa da mãe do ourives, mas as circunstâncias eram hostis. E como se não bastasse, descobriu que o homem, que a propunha uma vida de mulher comprometida nos moldes tradicionais, estava saindo com uma amiga dela. O sonho de cinderela se dissipou como cinzas. Gabriela decidiu ir para Belo Horizonte, deixou a filha com as amigas Ana Maria e Terezinha e assumiu o compromisso de contribuir com as despesas das três mensalmente. A decisão de se distanciar da segunda filha, assim como o afastamento compulsório da primeira, também não se deu sem sofrimento e renúncia. A autora narra que “deixar São Paulo foi como cortar um cordão umbilical” (*Idem*, p. 89). Após a partida, permaneceu por pouco tempo em Minas Gerais, mudando-se para o Rio de Janeiro posteriormente.

Em sua longa estadia na Vila Mimosa, no Rio, Gabriela encontrou uma grande amiga, também prostituta – Vera, casada com Danilo; e um namorado de quem muito gostou – Carlinhos Pantomima. Nessa época, inesperadamente, Gabriela foi acometida de uma paralisia que, mais tarde, se descobriu tratar de pedra na vesícula, seguida de hepatite A. Ela passou por um período de quase seis meses de internação. Recebia cotidianamente a visita de Carlinhos, assim como garrafadas de chá de picão feitas pela mãe dele. Em um dia qualquer, a cafetina da zona em que trabalhava, dona Isaurinha, também foi visitá-la junto a uma irmã e quase uma dezena de meninas da Vila Mimosa. Levaram flores e carinho, de modo que Gabriela chorou de alegria, por saber que não estava sozinha.

No dia da alta, Vera e Danilo a buscaram no hospital, acolheram-na em casa e assumiram suas despesas e cuidados durante um longo período de recuperação. Quando voltou a trabalhar, Gabriela deixou de morar na zona e continuou na casa dos amigos por alguns anos. Não à toa, a autora fala com muito carinho a respeito de Vera. A relação de amizade e intimidade entre as duas, que se iniciou na zona, perdurou mesmo

quando não residiam mais na mesma casa. Há um subtópico no livro em que é narrado o último encontro com Vera, que morreu de câncer. O título: “Amigas para sempre”.

No período em que morou com Vera e Danilo, o tempo livre de Gabriela permitiu que se dedicasse a pensar a respeito da organização de sua classe. Numa trajetória de militância que só crescia, Gabriela foi, aos poucos, se tornando uma pessoa pública, participando de eventos políticos, dando entrevistas em rádio e TV, se tornando conhecida e falando abertamente sobre a própria vida e sobre seu trabalho.

Quando Cristina, a filha mais nova, estava com cerca de seis anos, a mãe, que já não ia mais vê-la regularmente, recebeu uma intimação para comparecer ao Fórum de São Paulo. O pai de Cristina havia montado um dossiê com notícias de jornal e entrevistas em que Gabriela assumia publicamente sua profissão. A mãe intercedeu junto ao juiz para que a filha ficasse com suas amigas, Ana Maria e Terezinha, posto que as mesmas dispensavam todo amor e cuidado pela menina, desde que ela nascera. Mas, como previsto pela mãe, o juiz deu a guarda ao pai. Entretanto, tanto o casal de amigas quanto Gabriela poderiam visitar Cristina e passar finais de semana com ela. O juiz finalizou a sentença “dizendo que esperava que o pai tivesse pela menina tanto amor quanto nós três tínhamos. Inclusive, o amor que eu tinha por ela. Um amor de renúncia, segundo o juiz” (*Idem*, p. 137).

Passados cerca de 20 anos nas zonas boêmias, entre São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Gabriela recebeu a notícia de que seu pai havia sofrido um derrame. Ela foi visita-lo, o encontrou debilitado e, em pouco tempo, Oswaldo faleceu. A filha havia perdido seu melhor amigo, além de pai. Guardou dele os óculos fundo de garrafa e a carteira de trabalho, mas afirma ter recebido uma herança incalculável, “seu modo de vida, carinho e companheirismo” (*Idem*, p. 155). A distância física do pai não implicou em diluição dos laços de parentesco.

Pelos caminhos do ativismo, Gabriela encontrou Flavio Lenz, o homem de quem foi parceira no jornal Beijo da Rua, com quem fundou a ONG Davida e com quem viveu até o fim de sua vida. Entretanto, quando o conheceu, ele estava casado com Regina e tinham um filho, Rafael, que mantinha uma relação recíproca de carinho com Gabriela. Em meio a uma crise de casal, Regina foi fazer um curso fora do Brasil e Gabriela se dispôs a ajudar Flávio e sua mãe – Maria Luiza – a cuidarem de Rafael: “De alguma forma aquilo realizava meus instintos maternais. [...] Eu já tinha tido duas crianças que não pude criar e agora tinha um menino que me amava e me adorava” (*Idem*, p. 164).

Quando Regina voltou para o Brasil, ela e Flávio se separaram. Pouco tempo depois Flávio e Gabriela começaram a namorar. A amizade das duas mulheres permaneceu, apesar da peculiaridade das circunstâncias. Gabriela acreditava que isso incomodava pessoas próximas, inclusive, sua sogra. A mãe de Flávio era uma mulher séria, de religião protestante, que tratava Gabriela com indiferença e se incomodava com o fato dela ser prostituta. Após um diálogo direto e sincero, no qual, entre outras coisas, Gabriela esclareceu que o casamento de Flávio e Regina não havia acabado por causa dela, as duas conseguiram se aproximar. Assim que começou a se relacionar com Flávio, Gabriela passou a se dedicar exclusivamente à militância. Segundo ela, o trabalho na zona e a militância são inconciliáveis. Rafael passou a morar com eles e se referia a Gabriela como “quase-mãe”.

“Nem tudo era murro em ponta de faca na nossa vida. Junto com Flávio veio de presente uma família maravilhosa que me acolheu e me ensinou muito” (*Idem*, p. 175). Com o pai de Flávio, Waldo Lenz, que era sociólogo da religião, Gabriela conta ter aprendido muito a respeito da prostituição ao longo da história e os efeitos da religião sobre a prostituta. Após a morte da esposa Maria Luiza, Waldo enfrentou um câncer. Gabriela ajudou Flávio a cuidar do pai, que passou a morar com eles e a quem ela cercou de carinho. Da relação com o sogro ela enfatiza a amizade e a identificação com a figura do próprio pai, apesar de se tratarem de dois homens muito distintos entre si.

A trajetória pública de Gabriela sempre foi polêmica. Sua vida particular não foi muito diferente. Mas ela traz em seu livro diversas reflexões a respeito da própria situação: “Por personalidade, eu nunca cultivei o sentimento de culpa. Não sei por que sou assim. Minhas irmãs, que receberam a mesma educação, sentem culpa. Mas meu pai não tinha culpa. Acho que, nesse sentido, eu sou da linhagem dele” (*Idem*, p. 187).

Quanto à maternidade, consanguínea ou afetiva, Gabriela não dá muita margem aos juízos do leitor quanto a suas escolhas, posto que faz uma autocrítica:

Em relação à minha família, tem uma coisa que eu fiz e me arrependi e outra que eu não fiz e me arrependi. Eu não devia ter tido filhos. Não tenho vocação nenhuma para ser mãe e acabei cedendo às pressões, à imposição de que a mulher tem que ter filhos. Isso não quer dizer que eu esteja maldizendo minhas filhas. Elas são boníssimas pessoas e, a bem verdade, nunca foram um fardo para mim. Eu é que sou um fardo para elas, tenho certeza. Sei que não sou boa mãe. Não sou a mãe que ninguém desejaria ter. Embora, sem imposições, eu seja uma quase-mãe muito boa para o Rafael. Eu pensei o tempo todo sobre isso durante a minha vida. Como mãe, eu, que agora também sou avó, nunca consegui ser nem metade do que pude ser para os outros. Fico triste por ter me imposto como mãe para minhas filhas. É estranho isso, mas é verdade (*Idem*, p. 188-189).

Sobre o tempo presente

A releitura do livro de Gabriela me permitiu compreender em boa medida suas relações de parentesco e de afinidade. Mas ainda havia algumas indagações. Onde estaria Cristina, por exemplo? As filhas também tinham se tornado mães?

Em pesquisas na internet, cheguei ao nome de Tatiany Leite, filha de Alessandra. Decidi procurá-la em redes sociais e arriscar um contato. Tatiany respondeu prontamente às minhas perguntas e se colocou à disposição. Suas informações, além de preencherem as lacunas que ficaram na minha interpretação das relações de Gabriela, atualizaram como está a família hoje.

Segundo ela, sua mãe, Alessandra, chama Mathilde de mãe. Tatiany chama a bisavó Mathilde de vó Tide. Ela explica que em função de Mathilde ter criado Alessandra como filha e, também, de Alessandra ter chegado até os 14 anos de idade acreditando que Gabriela era sua irmã, a relação de Alessandra com Gabriela se tornou tensa e distante. Entretanto, Tatiany conta que sempre esteve próxima da avó Gabriela. Ela relata, inclusive, ter sido uma peça fundamental na reaproximação de Matilde e Alessandra com Gabriela, especialmente quando descobriram o câncer de pulmão. Tatiany relata que Alessandra foi sensibilizada pelas circunstâncias e se rendeu à relação com a mãe, à sua maneira.

O entendimento acerca dos modos diferentes de Alessandra e Tatiany lidarem com Gabriela e sua trajetória me levaram a pensar a respeito de como as relações de mãe(Gabriela)-filha(Alessandra) e avó(Gabriela)-neta(Tatiany) se delineiam de maneiras particulares, uma vez o modo como os afetos foram construídos e o fator geracional operam nessa situação. Alessandra descobriu na adolescência que sua “irmã” mais velha era, na verdade, sua mãe. E mais: era uma prostituta que falava abertamente sobre a própria história. Tal situação significou um trauma para Alessandra. Nas palavras de Tatiany, em entrevista no ano de 2014: “Não deve ter sido fácil descobrir que sua mãe não era sua mãe. Descobrir que sua mãe, na verdade, era puta”.

Também nesta entrevista, Tatiany relata que quando conheceu a avó, ela atuava na militância, mas não trabalhava mais como prostituta e que foi assim que a conheceu. Ela também ressalta que nunca considerou um problema o fato da avó ser prostituta, diferentemente de Alessandra e Mathilde, que não possuíam uma visão progressista como a de Tatiany. “Minha mãe tinha muita dificuldade com essas coisas. [...] Eu não tinha ainda uma concepção formada sobre nada. Muito pelo contrário, eu achava genial.

Para mim, os meus avós eram os caras que defendiam a liberdade” (Tatiany, em entrevista para Danielle Barg, 2014, não paginado).

A respeito da outra filha de Gabriela, Tatiany me contou que, na verdade, o nome correto é Evelin Cristina, e que ela gosta de ser chamada apenas de Evelin. Ela morou um tempo com Gabriela, Flávio e Rafael, mas saiu de casa brigada com toda a família. Após a morte de Gabriela, em função da gravação de seu documentário “Filhas de Gabriela”⁶, Tatiane precisou entrar em contato com a tia Evelin, para obter as licenças de conteúdo, que passaram a pertencer a ela e a Alessandra. Desde o rompimento com Flávio e Gabriela, Evelin passou a não participar mais da vida deles. Segundo Tatiany, recentemente, a tia manifestou o desejo de se reaproximar da família, mas a pandemia de Covid-19 se impôs como entrave.

Em suas atuações profissionais e políticas, Flávio e Tatiany seguem defendendo o legado de Gabriela no que tange a luta contra o preconceito e o estigma em relação a prostituição. Defendem, também, a autonomia das prostitutas enquanto sujeitos, sua inserção no debate e na vida pública, como mulheres, antes de qualquer coisa. Tatiany possui uma relação muito próxima e de muito amor com Flávio, a quem ela chama de avô. Ele sempre esteve presente em sua vida, desde a mais tenra infância.

Considerações parciais

A história de Gabriela é permeada por diferentes relações de parentesco e emoções. Sua circulação por diversos lugares e grupos familiares ao longo do tempo produziu proximidades e distanciamentos, vínculos e rupturas. Penso que a ideia de fazer família (LOBO, 2020) é produtiva para pensar esse emaranhado de pessoas, grupos familiares, fluxos e emoções. Especialmente porque fazer família, além de implicar em “fortalecer laços entre parentes e criar parentesco onde este não existe” (*Idem*, p. 303), também assume o parentesco como algo processual, não fixado, complexo e potencialmente poroso, abarcando, inclusive, seus aspectos negativos.

Trata-se de um fazer família em diversos contextos, de um fazer família ao longo do tempo, de um fazer família repleto de diluições e espessamentos (CARSTEN, 2014), em movimentos tão dinâmicos quanto os das emoções que os transversalizam. De um fazer família que criou parentesco onde não existia: entre Ana Maria, Terezinha

⁶ Tatiany me contou que não finalizou o documentário, de maneira que seus registros a respeito da avó ficaram apenas em seu trabalho de conclusão de curso e em pequenos vídeos disponibilizados no *YouTube*.

e Cristina (Evelin); entre Rafael e Gabriela; entre os pais de Flávio e Gabriela; entre Vera, Daniel e Gabriela; entre Tatiany e Flávio etc. De um fazer família desafiado, em muitos momentos, por dimensões negativas (*Idem*, 2014), como no caso das mágoas alimentadas pela mãe e pelas filhas de Gabriela, ou ao se pensar na atmosfera de preconceito e silêncios na infância da autora, quando habitava no casarão. Um fazer família que reconfigura as relações com o passar do tempo, como no caso da reaproximação de Mathilde e Alessandra com Gabriela, ou como no caso do desejo de Evelin se reconectar com a família. E este fazer família permanece, se redesenhando em torno da memória de Gabriela, que tem em Tatiany um novo elo e, por que não pensar, um novo fio condutor do legado da avó. As informações de Tatiany atualizam, pela memória (CARSTEN, 2014) e pela continuidade dos processos, o parentesco que se delineia a partir de Gabriela.

Gabriela assumiu muitos papéis. Foi filha, mãe, avó. Foi puta. Foi amante, esposa, militante. Foi mulher. Conservou a força no momento de sua partida. Mesmo num corpo fragilizado pela doença, manteve a voz potente e desejosa por mudanças que permitissem que as pessoas vivessem melhor, especialmente suas colegas de batalha⁷.

Nos diferentes papéis assumidos em sua circulação pela vida, Gabriela foi uma mulher muitos lugares e pessoas. As expectativas e imperativos de gênero acerca dos ideais de família, feminilidade e maternidade não conformaram sua trajetória e nem a impediram de fazer família(s).

Para além das questões do parentesco, penso ser válido destacar que é lugar de puta é um marcador de diferença, que torna o deslocamento da história de Gabriela do âmbito privado para o público diferente de outros. Diante disso, reverberando a perspectiva da autora e de algumas de suas colegas de trabalho, como Monique Prada (2019), chamo a atenção para a importância de não se romantizar a prostituição. Além desse trabalho ser apenas um dos aspectos da vida das mulheres que o exerce, como já dito, trata-se de um campo de análise delicado, complexo e que deve ser pensado com centralidade nas pessoas que a ele dão sentido.

Não obstante, também entendo ser necessário reverberar outras autoras que argumentam que a prostituição, historicamente, desafia padrões de feminilidade, maternidade, sexualidade (ENGEL, 2004; RAGO, 2014; PRADA, 2019). E, como

⁷ Esta descrição da situação de Gabriela na fase terminal de sua doença pode ser assistida no documentário “Um beijo para Gabriela” (2013), de Laura Murray. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LqgwDysJjY0&t=350s>>

Díaz-Benítez (2019) reflete a junto às suas interlocutoras, trabalhadoras sexuais do nicho da pornografia, para além do desejo e da possibilidade de se gostar de atuar profissionalmente fazendo sexo, “resistir à norma é uma dinâmica de enorme complexidade” (p. 55) e que demanda das pessoas negociações diversas consigo mesmas. No caso de Gabriela, essa dinâmica complexa é percebida, por exemplo, na existência do desejo e da vergonha, emoções quase opostas, que tensionaram em alguns momentos a escolha da autora de seguir ou não na prostituição.

Caminhos teóricos e etnográficos

Reforço que tenho me inspirado na proposta de Lila Abu-Lughod (2020) quanto ao potencial que histórias particulares têm de nos fazer perceber o “outro” como “menos outro”. Acredito que a história de Gabriela, da perspectiva de suas relações familiares e da complexidade de emoções que as constituem, as quais não escapam de nos colocar diante de um espelho frente às nossas próprias relações familiares, desloca o olhar estrito sobre seu trabalho como prostituta para outras dimensões da vida cotidiana. Isso porque, para além das emoções como eixo organizador e intrínseco das relações de parentesco de Gabriela, proponho que se pense em como as emoções também são definidoras de como as pessoas leem a prostituição. Se, por um lado, a figura da prostituta, *a priori* vinculada ao estigma e ao preconceito, mobiliza emoções negativas que produzem os chamados “pânicos morais”, os quais reverberam no debate público e situam às margens (DAS; POOLE, 2008) prostitutas e suas famílias; por outro, reflito que o deslocamento para a percepção pela via do parentesco, pode mobilizar nas pessoas emoções outras, diferenciadas em alguma medida daquelas primeiras. Não emoções que possam obliterar totalmente questionamentos ou críticas, posto que continuam, potencialmente, permeadas pelos mesmos preconceitos – os quais não se diluem facilmente. Entretanto, dessa vez, mediadas, também, por outros elementos, dentre os quais algum nível de identificação, assumindo, por exemplo, que não há nenhuma família que corresponda ao(s) modelo(s) ideal(is) preconizado(s).

Também em diálogo com Abu-Lughod (2018), é importante reforçar que compreendo que por meio das existências reais as estruturas são tensionadas, desafiadas, negociadas, de maneira que não se trata de privilegiar o micro em detrimento do macro, mas de compreender como processos externos se inscrevem nos corpos e nas palavras das pessoas (ABU-LUGHOD, 2018). E, num movimento oposto, a reverberação de realidades como a de Gabriela e os seus em contextos mais amplos

possibilita situar as emoções em sua dimensão “micropolítica” (VÍCTORA; COELHO, 2019) e enquanto “práticas discursivas permeadas por negociações de poder” (REZENDE, 2002, p. 70), dando sentido a elas enquanto tensionadoras das relações de poder.

Não obstante, assumindo a importância de levar o outro a sério (INGOLD, 2019), recupero a epígrafe de minhas notas introdutórias, e chamo a atenção para a reflexão de Gabriela, quanto ao fato de que o amor não traz só felicidade, mas, também, dor. Recupero um dos trechos da síntese que fiz pela via do parentesco e que ilustra o que a autora classifica como dor produzida pelo amor: quando ela narra que partir de São Paulo foi como cortar um cordão umbilical. Cortar um cordão umbilical é romper o vínculo biológico primeiro da mãe com o filho. A metáfora utilizada para dar sentido ao distanciamento ainda maior das filhas, quando se mudou de São Paulo para Minas Gerais, informa sobre o quanto a atitude de partir a feriu, mas de forma alguma obliterou seu amor por Alessandra e Evelin. A partir da experiência da autora e levando a sério suas próprias palavras, seja pelas renúncias, pelo auxílio material enquanto precisou estar longe das filhas, pelo afastamento dos homens de quem gostava, pela recusa de estar perto da mãe para evitar o conflito, na dedicação à causa das putas quando não estava mais na ativa como suas colegas de batalha, o amor era a gramática segundo a qual Gabriela escolhia seus caminhos. E foi esse amor que norteou as relações que ela construiu, e que não se restringiu às relações familiares, operando, também, em sua militância.

Por fim, encerro justificando a ausência de considerações finais, posto que as reflexões que aqui faço e proponho se constituem, como sinalizado no início, num exercício prévio ao que farei em minha tese de doutorado – na qual me dedicarei a etnografar relações de parentesco entre prostitutas, com especial foco nas maternidades. Esse trabalho continuará acolá...

Referências:

ABU-LUGHOD, Lila. A Escrita contra a cultura. **Equatorial**, Natal, v. 5, n. 8, pp. 193-226, 2018.

ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita dos mundos de mulheres**: histórias beduínas. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2020.

BARG, Danielle. 'Neta da puta': Tatiany Leite retrata avó em documentário. **Portal Terra**, São Paulo, 23 out. 2014. Disponível em <<https://www.terra.com.br/vida-e->

estilo/mulher/comportamento/neta-da-puta-tatiany-leite-retrata-avo-em-documentario,2302992892439410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos. **Comissão Nacional da Verdade**. 976 p. Relatório da Comissão Nacional da Verdade, v. 1. Brasília: CNV, 2014a. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.gov.br/administrator/components/com_simplefilemanager/uploads/CNV/relat%C3%B3rio%20cnv%20volume_1_digital.pdf>. Acesso em 17 nov. 2021.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos. **Comissão Nacional da Verdade**. 416 p. Relatório da Comissão Nacional da Verdade, v. 2. Brasília: CNV, 2014b. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_2_digital.pdf>. Acesso em 17 nov. 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. **Projeto de lei 4.211/2012**. Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1012829&>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CARSTEN, Janet. A Matéria do Parentesco. **Revista de Antropologia da UFSCAR**, São Carlos, vol. 6, n. 2, jul./dez., pp. 103-118, 2014.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes: enografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, n. 27, pp. 19-52, 2008.

DÍAS-BENÍTEZ, María Elvira. O gênero da humilhação: afetos, relações e complexos emocionais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 25, n. 54, pp. 51-78, maio/ago., 2019.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

INGOLD, Tim. Sobre levar os outros a sério. In: INGOLD, Tim. **Antropologia**: para que serve? Petrópolis: Editora Vozes, 2019, p. 7-19.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOBO, Andréa. Entre a casa e o mundo. Pertencimentos e mobilidade na sociedade cabo-verdiana. **Revista Lusotopie**, Leiden, vol. 19, n. 2, pp. 285-313, 2020.

LOBO, Andréa; CARDOSO, Maria Eduarda. “Em nome da família brasileira”: sobre políticas de governo, (re)produção de elites e disputas narrativas. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 53, p. 53-82, set./dez., 2021.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. Veneta: São Paulo, 2019.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 2, pp. 69-89, 2002.

TEODORO, Débora Antonieta Silva Barcellos. **Memórias marginais do Beco do Mota**: mulheres e crianças no cenário da prostituição. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). – Pós-Graduação em Ciências Humanas, UFVJM, Diamantina, 2019.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. Antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 25, n. 54, pp. 7-21, maio/ago., 2019.